

JACY OU O PASSADO COMO UM AMONTOADO ESQUISITO DE DESTROÇOS JACY OU LE PASSÉ COMME UN ÉTRANGE TAS DE DÉCOMBRES

Márcio Silveira dos SANTOS¹

RESUMO

No presente texto procuro refletir sobre o espetáculo Jacy (2013), do Grupo Carmin, da cidade de Natal no estado do Rio Grande do Norte. Analiso a potência da encenação por meio de elementos que ela apresenta transitando entre subjetividades e processos históricos, compondo um mosaico de significações presentes nas encenações atuais e o uso de tecnologias em cena. Nota-se que o grupo Carmin tem como aporte de pesquisa cênica a busca por reconstituir pedaços de uma história de vida que bem poderia ser a história de qualquer um de nós, pois abarca um largo período histórico sociocultural e político do Brasil. Como aportes desta reflexão têm o filósofo Walter Benjamin, a pesquisadora Béatrice Picon-Vallin e principalmente materiais do Grupo Carmin.

Palavras-chave: Jacy, grupo carmin, encenação, pesquisa teatral, processo histórico.

RESUMÉ

Dans ce texte, j'essaie de réfléchir sur le spectacle Jacy (2013), du groupe Carmin, de la ville de Natal, dans l'État de Rio Grande do Norte. J'analyse le pouvoir de la mise en scène à travers les éléments qu'elle présente en transitant entre subjectivités et processus historiques, composant une mosaïque de significations présentes dans la mise en scène actuelle et l'utilisation de technologies sur la scène. Notez que le groupe Carmin a comme contribution de la recherche scénique la recherche de la reconstitution des morceaux d'une histoire de vie qui pourrait être l'histoire de n'importe lequel d'entre nous, parce qu'elle couvre une large période historique, socioculturelle et politique au Brésil. Comme contributions de cette réflexion, le philosophe Walter Benjamin, la chercheuse Béatrice Picon-Vallin et principalement des matériaux du groupe Carmin.

Mots-clés: Jacy, groupe carmin, mise en scène, recherche théâtrale, processus historique.

1 Doutor em Teatro (UDESC/Bolsa CAPES-DS), Mestre em Artes Cênicas (UFRGS), licenciado em Educação Artística - habilitação em Artes Cênicas (UFRGS) e Especialista em Psicopedagogia (UCB). Professor na UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Integrante do Grupo Manjerição - Ator, diretor, dramaturgo, palhaço-brincante. Articuladora da RBTR - Rede Brasileira de Teatro de Rua. Membro da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas.

JACY OU O PASSADO COMO UM AMONTOADO ESQUISITO DE DESTROÇOS CARMIN

O Grupo Carmin, sediado na cidade de Natal no Estado do Rio Grande do Norte, tem desenvolvido desde sua fundação no ano de 2007 um trabalho de pesquisa voltada para o trabalho do/da ator/atriz e as possibilidades criativas que cada nova proposta de montagem cênica pode proporcionar. Um dos motes principais de sua vertente investigativa é a criação de uma “dramaturgia original a partir de uma escuta social aberta” (Site do Grupo Carmin, 2021). Foi assim em sua primeira montagem “Pobres de Marré” (2007), quando chamou a atenção do coletivo às condições de vida das mulheres em situação de rua, no bairro da Ribeira, onde o grupo é sediado. Assim, seguiram os demais espetáculos do Carmin: “Jacy” (2013), “Por Que Paris?” (2015), a “A Invenção do Nordeste” (2017), e em breve o novo espetáculo: “Gente de Classe” (2021).

O Grupo Carmin tem mergulhado nos processos e procedimentos de criação que lhe são peculiares. Sua pesquisa continuada segue avançando nas “tessituras de narrativas do Teatro que alguns chamam de Teatro do Real ou Historiografias de Artistas, transitando entre a ficção e os documentos reais” (Site do Grupo Carmin, 2021), sempre no ímpeto de um olhar crítico sobre as agruras dos tempos atuais.

Dentro dessa jornada do grupo Carmin, destacamos aqui o espetáculo “Jacy” que em menos de uma década de estrada coleciona reconhecimento e prêmios pelo país. O trabalho coeso e a qualidade do espetáculo já garantiram ao Carmin temporadas de sucesso, lotadas, e muitas circulações como a do projeto Palco Giratório, do SESC nacional.

JACY E A ENCENAÇÃO

Jacy é um espetáculo que durante sua encenação mostra o processo de uma investigação empreendida pelo Grupo Carmin a partir de uma frasqueira encontrada no lixo, em 2010, pelo ator, diretor e dramaturgo Henrique Fontes, contendo vestígios sobre a vida de uma senhora de noventa anos de idade. A frasqueira estava aberta no chão de uma grande avenida da cidade de Natal (RN), com muitas fotos e objetos espalhados em volta. Fontes guardou a frasqueira por um tempo até o dia em que o Grupo Carmin, após muitas indagações, resolveu partir em busca da pessoa que os objetos revelavam de forma fragmentada, seguindo pistas por meio dos documentos e notas fiscais.

Na encenação essa peripécia é mostrada ora em primeira pessoa, aonde os atores narram os caminhos da pesquisa e ora os atores representam, fisicalizando os personagens que foram encontrando nessa experiência direta e indireta com o universo de *Jacy*. Segundo a sinopse do espetáculo:

A peça de teatro documental convida a plateia para acompanhar a trajetória real de uma mulher que atravessou a Segunda Guerra Mundial e a ditadura militar no Brasil, esteve no centro de um importante conflito na política no Rio Grande do Norte, viveu um amor estrangeiro e terminou seus dias sozinha em Natal. (Site do Grupo Carmin, 2021).

Tendo como tema central a história de Jacy Quitéria, o espetáculo além de se estruturar em uma forte narrativa calcada na memória, na história e nos documentos de uma vida, também se utiliza de recursos tecnológicos para abordar temas como o abandono dos idosos, as questões políticas e suas mudanças durante décadas no Brasil, bem como o crescimento desenfreado das cidades.

Em cena temos três artistas: Henrique Fontes, Quitéria Kelly e Pedro Fiuza. Todos percorrem uma encenação calcada em certa dinâmica ágil e fragmentada, com uma atuação permeada de projeções de imagens. Fontes e Kelly ocupam mais o proscênio enquanto que na lateral do palco, Pedro manipula a frasqueira verdadeira e os objetos contidos nela como fotos de Jacy, tickets e notas fiscais de compras em mercados, maquiagem, cartões, etc, que são projetados no grande painel que ocupa boa parte do fundo da cena.

Pedro Fiuza também expõe outras imagens de mapas e gráficos que ilustram parte das viagens e da narrativa histórica de Jacy. Durante as atuações de Henrique Fontes e Quitéria Kelly é utilizada uma máquina filmadora e celular, como se registrassem seus testemunhos em cena, que são editados por Fiuza na mesa de edição ao vivo e também projetadas. O espetáculo se desenrola enquanto são narradas situações reais de fatos acontecidos com Jacy, que o grupo obteve nas suas entrevistas com quem a conheceu. Também são realizadas cenas de situações imaginadas pelo elenco, do que talvez tivesse acontecido com Jacy em determinados períodos históricos do país e de sua trajetória. Elementos que seguem na encenação estruturando uma reexistência dessa Senhora incógnita chamada: Jacy.

Sobre a experiência do narrador que constrói uma história a partir dos relatos e de sua própria experiência, já nos escreveu o filósofo alemão Walter Benjamin, que:

O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (2012, p. 217).

Assim na encenação aos poucos é possível perceber que atores/narradores conduzem o público a acompanhar não só a experiência do grupo na construção da história da Senhora Jacy, como também a experienciar a narrativa a partir do momento deste convívio enquanto ouvintes-espectadores da apresentação do espetáculo.

DRAMATURGIA E PROCESSO HISTÓRICO

Do ponto de vista da constituição histórica da cidadã Jacy e da criação do espetáculo, o dramaturgo Pablo Capistrano, também filósofo, acrescenta no texto teatral Jacy referências a Walter Benjamin, no que se refere ao conceito de história.

HENRIQUE: Walter Benjamin, um filósofo alemão, tem uma tese interessante sobre o Conceito de História, ele escreveu essa tese inspirado pelo quadro *Angelus Novus*, do pintor Paul Klee. Ele dizia que: “O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós enxergamos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula ruína sobre ruína espalhadas aos nossos pés”.

QUITÉRIA: Segundo Benjamin o anjo da história é arrastado pelas asas por uma tempestade que o leva para o futuro, atrás dele. Na sua frente ele vê o passado, que nada mais é do que um amontoado esquisito de destroços. Essa tempestade que arrasta irresistivelmente o anjo da história é o que nós chamamos de progresso.

HENRIQUE: Eu acho que foi essa tempestade que arrastou a Natal de *Jacy* e foi essa mesma Natal que me ofereceu, naquela manhã de Março de 2010 a possibilidade de encontrar essa frasqueira. Um simples fragmento do passado. Uma ruína de uma vida, jogada em uma das esquinas mais movimentadas da cidade. (CAPISTRANO, FONTES, 2013, p. 13).

Nesta busca histórica, um item da frasqueira contribuiu de modo especial para o início da busca: um cupom fiscal de um supermercado. Lá descobriram o taxista que costumeiramente conduzia *Jacy* com suas compras. Fizeram o mesmo trajeto com o taxista enquanto o mesmo contava o que sabia de *Jacy*. Chegando à casa de *Jacy* conheceram Sara, que cuidou de *Jacy* na sua velhice, pois se fosse ainda viva *Jacy* teria 90 anos. Foi Sara quem contou ao grupo quase toda a história de *Jacy*, ou pelo menos a parte que ela conhecia ou que ouvira de *Jacy*. Pois *Jacy* após viver um grande amor com um militar norte-americano e morar no Rio de Janeiro por 20 anos, voltou para a cidade de Natal e trabalhou como concursada no hoje extinto IPASE – Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, criado em 1938, durante o governo do Presidente Getúlio Vargas.

A partir deste momento, no espetáculo, o grupo passa a trabalhar numa dinâmica ágil e repleta de projeções no painel, procurando articular a passagem das décadas na vida de *Jacy* e o processo histórico e político do estado do Rio Grande do Norte. Segundo Walter Benjamin

Articular o passado não significa reconhecê-lo – tal como ele foi. Significa apoderarmo-nos de uma recordação quando ela surge como um clarão num momento de perigo. (2013, p. 11).

É no lampejo do cruzamento dos contextos das peças “*Jacy*” e a “*Invenção de um Nordeste*” (2017) por meio de atuações e projeções que o Carmin vai contextualizando a formação histórica de um período significativo na formação do país. Aos poucos vai se configurando um panorama da trajetória política das famílias que governam o Rio Grande do Norte, há décadas, que o coletivo projeta no painel por meio de um organograma genealógico destas famílias, demonstrando o quanto ainda nos dias de hoje as mesmas se mantêm no poder. Uma potente aula de história sobre a situação político-econômica que reverbera na do Brasil.

Diz assim, parte do texto dramaturgico:

CENA 11: No coração do poder.

HENRIQUE: Nesse tempo Jacy trabalhava no antigo IPASE, que depois virou INPS e hoje é INSS. Lá ela era secretária de Tarcísio Maia, pai do senador José Agripino Maia. Tarcísio Maia foi diretor do IPASE entre os anos 60 e 70. Ele era médico e foi secretário de educação no governo de Dinarte Mariz.

(Abre-se um organograma com o nome dos políticos da cidade e começa uma explicação das relações familiares).

QUITÉRIA: (marcando os nomes no organograma genealógico) Vamos ver se a gente entende? Tarcísio era primo de Lavoisier Maia Sobrinho, que foi casado com a ex-governadora (ex-prefeita de Natal, ex-deputada federal).

(...)

HENRIQUE: Em 1965, Tarcísio, se candidatou a vice- governador, na chapa de Dinarte Mariz. Eles perderam a eleição, mas Tarcísio ganhou o cargo de diretor do IPASE. Dois mandatos e um ato institucional número 5 depois, em 1974, o governo militar estava para anunciar o nome de Osmundo Faria para Governador do RN.

(...)

QUITÉRIA: João Agripino era sobrinho de Lavoisier Maia que por sua vez era casado com Isaura Trizieme Rosado, que é irmã de Dix-sept Rosado. Que era sogro de Rosalba Ciarline, casada com Carlos Augusto Rosado, sobrinho de Dix-huit que era o candidato de Dinarte Mariz, tio de Wilma de Faria, mulher de Lavoisier Maia Sobrinho, primo de Tarcísio Maia.

HENRIQUE: Chefe de Jacy Quitéria: o Povo do Rio Grande do Norte é um povo superfamília, não é?! (CAPISTRANO, FONTES, 2013, p. 20).

Nesta lista os nomes são verdadeiros, pois foi assim que aconteceu a história política enquanto viveu Jacy. Em certo momento alegórico da encenação, numa cena fictícia da história, é narrada que a Senhora Sara, cuidadora de Jacy, tinha dois filhos: Jesus e Judas. As imagens projetadas no painel do espetáculo são de Jesus para o filho Jesus, e para o filho Judas projetam a imagem do Presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro. Elemento que provoca reação do público e muitas palmas de apoio ao grupo que num ato de resistência artística frente ao desmonte da cultura no país, mostra sua posição política na atualidade. São momentos esses, dos dias de hoje, não muito diferentes do universo de Jacy, que teve seu relacionamento com um militar norte-americano no período da ditadura civil e militar no Brasil e acabou sozinha.

Na encenação, esta justaposição de camadas históricas, que o grupo Carmin escova a contrapelo para nos desvelar a partir da vida de Jacy o processo histórico do Brasil, vemos a precisa utilização e manipulação das tecnologias empreendidas pelo coletivo potiguar. Diga-se de passagem, estas partes do enredo que aqui exponho, são os momentos onde o Carmin melhor se utiliza dos recursos técnicos como microfones, câmeras e projeções na cena.

TECNOLOGIAS EM CENA

O uso de tecnologias em cena permite ao Carmin uma ampla gama de possibilidades criativas, e a preparação para tal uso permite conduzi-los com maestria o espectador neste labirinto de projeções de imagens, textos, vozes e situações. Em Jacy, todos realizam em cena a operação de som, luz, projeção de imagens, entre atuações. É parte do trabalho do grupo a preparação com o aparato tecnológico em prol de melhores construções de cenas, como por exemplo, as que contextualizam os períodos históricos abordados em seus espetáculos com os dias atuais, como cita a atriz Quitéria Kelly,

No Carmin todos somos um pouco técnicos. Eu monto luz, manipulo o som. Todos nós somos técnicos da nossa obra. O artístico vem também do cuidado com o material que nós estamos editando na hora. As duas últimas peças são espetáculos praticamente editados ao vivo. Nós temos uma cena pré-gravada em A Invenção do Nordeste que aborda as questões do Renan Calheiros. Fora esta cena, todas as outras são cenas editadas ao vivo. Nós precisamos de artistas com sensibilidade poética para editar e filmar na hora. (KELLY, 2020, p. 16).

É por meio dessa manipulação de tecnologias em cena, com vídeos gravados ou editados ao vivo, de forma sensível e poética que o espetáculo Jacy do Grupo potiguar ganha potência política sem perder a poesia. Há nesta trajetória de criação do Grupo o que vejo próximo aos tipos de *cineficação* estudados pela pesquisadora e professora francesa Béatrice Picon-Vallin.

A autora, em seus estudos, vai exemplificar dois tipos de *cineficação* mais presentes nas encenações contemporâneas, a *cineficação* externa e *cineficação* interna. A primeira consiste naquela que,

em cena, utiliza telas, imagens projetadas, imagens de cinema e também, hoje em dia, o vídeo, a captura de imagens ao vivo, a elaboração de imagens ao vivo. São procedimentos externos que utilizam todas as possibilidades da tecnologia propriamente dita em cena. Obviamente, adaptando-as de maneira que o teatro permaneça teatro. Há procedimentos para serem inventados, a fim de que essas imagens se mantenham um conjunto de ferramentas a serviço do teatro. (PICON-VALLIN, 2011, p. 207).

A qual se aproxima do trabalho realizado pelo Carmin. No entanto, percebo que a prática do grupo aplicada em Jacy, ao mesclar um fluxo contínuo de imagens dos objetos da frásqueira, fatos históricos, cenas de close dos artistas ao vivo, se aproxima mais da *cineficação* interna, que diz respeito à:

utilização de modelos técnicos do cinema e da pesquisa de seu equivalente teatral. Poderíamos escrever a História do teatro no século XX através da questão do primeiro plano (*close-up*). O primeiro plano fascinou totalmente os encenadores de teatro, porque se tratava de algo que parecia impossível de ser realizado no teatro. Hoje em dia, podemos fazer *closes* no teatro com a câmera. Fazemos um *close* do rosto, o projetamos numa tela. Às vezes, em alguns espetáculos, há telas na sala e há rostos em *close* que são ainda melhores do que no cinema, já que, em vez de simplesmente estar diante de você (como em uma sala de cinema), o rosto do ator em *close* está também em monitores, muito próximos do espectador. Mas não é disso que se trata a cineficação interna. Como criar um *close* no teatro sem tela? Com o jogo do ator. O jogo do ator: o jogo preciso e calculado daquele que atua em “primeiro plano”, o jogo imóvel dos que estão em cena com ele e que olham atentamente o que ele faz, o trabalho da iluminação, a decupagem do espaço, etc. (PICON-VALLIN, 2011, p. 207).

Ambos os tipos de *cineficação*, exemplificados da pesquisadora, podem ser encontrados no trabalho do Grupo Carmin, em grau maior ou menor, variando conforme a aplicabilidade técnica nas encenações e no jogo empenhado pelos artistas em cena. Assim, valendo-se da mescla de tecnologias e atuação ao vivo, o grupo mostra de forma efetiva, na sua narrativa, a potência de uma encenação atual e nutrida por uma consciência crítica sobre os contextos históricos do Brasil. Com *Jacy*, o Carmin chega a uma síntese do passado e do presente do país por meio da história de uma mulher que passou a vida toda alimentando sonhos e que poderia ter caído no esquecimento.

O espectador pode presenciar e vivenciar uma encenação que chega com os olhos no passado, que “nada mais é do que um amontoado esquisito de destroços”, e vislumbra um futuro. Há aí quem sabe, mais um passo dado pelo Grupo Carmin no caminho da resistência e persistência para podermos manter a utopia na construção de algo melhor para todas, todos e todes... quiçá.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8ª edição revista – São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v. 1).

..... **O anjo da história.** Org. e tradução João Barrento. 2ª edição – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CAPISTRANO, Pablo; FONTES, Henrique. **Jacy.** Natal: Carmin, 2013.

KELLY, Quitéria. O Teatro documentário e o Nordeste: documentos no processo de criação. Entrevista concedida à Cleison Queiroz Lopes. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020.
<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17035/11978>
Acesso 08 de Março de 2021.

PICON-VALLIN, Béatrice. Teatro híbrido, estilizado e múltiplo: um enfoque pedagógico. Tradução Beatriz Veloso, Cicero Alberto de Andrade Oliveira. **Sala Preta**, v. 11, n. 1, p. 193-211, 2011.
<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57479/60482>
Acesso 08 de Março de 2021.

Site:

Grupo Carmin.

Disponível em <http://www.grupocarmin.com.br/> Acesso 08 de Março de 2021.